



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2016v5n2p33-42

HOMENS CATÓLICOS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS: O LUGAR DA RELIGIÃO NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

CATHOLIC MEN WITH HOMOSEXUAL PRACTICES: THE PLACE OF RELIGION IN THE CREATION OF MEANING
HOMBRES CATÓLICOS CON PRÁCTICAS HOMOSEXUALES: EL LUGAR DE LA RELIGIÓN EN LA CREACIÓN DE SIGNIFICADO

Alexandra Ribeiro Leite¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a influência dos dispositivos religiosos sobre a subjetivação dos sujeitos. Trata-se de um estudo teórico sobre como as religiões cristãs, mais precisamente o catolicismo, compreendem a homossexualidade, e o quanto essas concepções estigmatizadoras podem influenciar na subjetivação dos sujeitos com práticas homossexuais. Sobre o dispositivo religioso, Rios, Parker e Terto Jr. (2010), observam que as concepções cristãs funcionam com estruturas de tempo longo e continuam presentes, orientando pensamentos e ações no ocidente contemporâneo. Nesta perspectiva, Sanchis (2001, p. 113) analisa que a construção da identidade do sujeito “sexual-religioso” perpassa diversidades e pluralis-

mos, que são percebidos a partir do deslocamento do discurso dogmático das religiões para sua realização implicada na subjetividade do indivíduo. Neste sentido, reconhece-se a capacidade de negociação entre os discursos religiosos oficiais e as experiências cotidianas. Sendo assim, o pertencimento religioso se constitui como relativamente independente da adesão às ideias e práticas das instituições religiosas (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013). Diante disto, o sujeito religioso se faz protagonista de sua religiosidade, orientando-se pelo sistema de crenças disseminado pela sua religião de escolha, mas tendo liberdade de modificá-lo quando necessário, ajustando-os a sua experiência (WATANABE, 2005 APUD SILVA; PAIVA;

PARKER, 2008). Ou seja, há uma adaptação, por parte dos fiéis dos discursos e dogmas cristãos, a partir de valores individuais ou subjetivistas. Neste sentido, o que se verifica é um multipertencimento religioso, e/ou as desregulações das doutrinas propaladas pela religião professada.

ABSTRACT

This article aims to discuss the influence of religious devices on the subjectivity of the subject. This is a theoretical study on the Christian religion, specifically Catholicism, understand homosexuality, and how these stigmatizing views can influence the subjectivity of subjects with homosexual practices. About religious device, Rios, and Tertto Parker Jr. (2010), note that the Christian conceptions work with long time frames and are still present guiding thoughts and actions in the modern West. This Sanchis (2001) perspective, analyzes the construction of the identity of the subject “sexual-religious” runs through diversity and pluralism, which are perceived from the dogmatic speech displacement of religions for their implied realization in subjectivity of the individual (p. 113) . In this sense, we recognize the bargaining power between the official religious discourse and everyday experiences. Thus, the religious belonging is constituted as relatively independent of adherence to ideas

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir la influencia de los dispositivos religiosos en la subjetividad del sujeto. Este es un estudio teórico sobre cómo la religión cristiana, específicamente el catolicismo, comprende la homosexualidad, y cómo estas opiniones estigmatizantes pueden influir en la subjetividad de los sujetos con prácticas homosexuales. Acerca del disposi-

PALAVRAS-CHAVE

Homossexualidade. Dispositivos Religiosos. Produção de Sentidos. Pertencimento Religioso. Negociações.

and practices of religious institutions (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013). In view of this, the religious subject becomes protagonist of his religiosity, guided by the belief system disseminated by their religion of choice, but with freedom to modify it if necessary, adjusting them to their experience (WATANABE, 2005 apud SILVA; PAIVA; PARKER, 2008). Therefore, there is an adjustment, by the faithful of the Christian dogmas and speeches from individual values or subjectivist. In this sense, what is happening is a religious multibelonging, and / or deregulation of the doctrines propagated the professed religion.

KEYWORDS

Homosexuality. Religious devices. Production of meaning . Religious belonging. Negotiations

tivo religioso, Ríos y Tertto Parker Jr. (2010), señalan que las concepciones cristianas trabajan con plazos largos y, todavía, están presentes en los pensamientos y las acciones en el occidente moderno. En esta perspectiva Sanchis (2001), analiza la construcción de la identidad del sujeto “sexual-religioso” y sigue a través de la diversidad y del pluralismo, que se perci-

ben a partir del desplazamiento del discurso dogmático de las religiones para su realización implícita en la subjetividad del individuo (p. 113). En este sentido, se reconoce el poder de negociación entre el discurso religioso oficial y las experiencias cotidianas. Así, la pertenencia religiosa se constituye como relativamente independiente de la adhesión a las ideas y prácticas de las instituciones religiosas (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013). En vista de esto, el tema religioso se convierte en protagonista de su religiosidad, guiada por el sistema de creencia difundida por su religión de su elección, pero con libertad para modificarlo si es necesario, ajustándolos a su experiencia (Watanabe,

2005 apud SILVA; PAIVA; PARKER, 2008). Es decir, hay un ajuste, por los fieles de los dogmas cristianos y discursos de los valores individuales o subjetivista. En este sentido, lo que se percibe es una pertenencia múltiple religiosa y/o desregulación de las doctrinas propaladas por la religión profesada.

PALABRAS CLAVES

Homosexualidad. Dispositivos religiosos. Producción de significado. Pertenencia Religiosa. Negociaciones

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir a influência dos dispositivos religiosos sobre a subjetivação dos sujeitos. Trata-se de um estudo teórico sobre como as religiões cristãs, mais precisamente o catolicismo, compreendem a homossexualidade, e o quanto essas concepções estigmatizadoras podem influenciar na subjetivação dos sujeitos com práticas homossexuais. Inicialmente será apresentado o campo religioso brasileiro e sua pluralidade de crenças, em seguida faremos um breve levantamento sobre como a sexualidade é abordada pelo cristianismo e como o catolicismo compreende a homossexualidade. Por fim, será discutido como os sujeitos são influenciados pelos dispositivos religiosos e que estratégias eles utilizam para lidar com estes discursos estigmatizantes.

2 O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO

A Religião Católica chegou ao Brasil desde sua colonização em 1500. Introduzida pelos portugueses, tornou-se a Religião oficial do País desde sua primeira Constituição e permaneceu sendo a crença com

maior número de adeptos, mesmo após a instituição da liberdade religiosa em 1890. Era considerada a religião mais aceita socialmente, por isso sua adesão era importante para aqueles que buscavam a ascensão social (BUSIN, 2008).

O catolicismo ainda se configura como a religião com maior número de fiéis no Brasil, porém pesquisas apontam para o declínio de sua centralidade. Teixeira e Menezes (2013) observam que o catolicismo brasileiro, antes considerado como a religião brasileira, apresenta-se no quadro atual como sendo apenas a religião da maioria dos brasileiros.

No Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), observou-se que apesar do Catolicismo ser a Religião majoritária, seu número de fiéis vem caindo, em proporções semelhantes, há duas décadas, principalmente nas regiões mais urbanizadas e populosas do País. Tal levantamento aponta para uma crescente diversidade de grupos religiosos no Brasil, indicando um evidente crescimento dos que se declaram evangélicos, como também dos que professam a Religião Espírita.

Para Teixeira e Menezes (2013), este movimento de retração do número de fiéis católicos não reflete a diminuição do cristianismo, uma vez que há um aumento do número de evangélicos no país, principalmente nas últimas décadas. Neste sentido, apesar das mudanças no cenário religioso brasileiro, indicando a pluralização de crenças; a hegemonia cristã ainda é notória.

O Centro de políticas sociais/FGV divulgou em 2011 dados importantes sobre o mapa das religiões no Brasil. Entre outros dados levantados, constatou-se que independente do credo, em termos de religiosidade ativa, o Brasil, está exatamente no meio do ranking global de 156 países, com 50% de sua população frequentando cultos religiosos (NERI, 2011, p. 9). No que se refere à importância da religião, o referido mapeamento, constatou que, em comparação com as nações, o Brasil está em 69º lugar com 89% de sua população concordando que a religião é importante (NERI, 2011, p. 15).

Ainda sobre o campo religioso brasileiro, foi realizado um levantamento nos dias 06 e 07 de Junho de 2013 pelo *Datafolha*, no qual, 57% dos brasileiros, com dezesseis anos ou mais, afirmaram ser católicos, seguindo os grupos religiosos: Evangélicos Pentecostais, com 19%, Evangélicos não Pentecostais, com 9%, Espírita, com 3%, e Umbanda, com 1%. Outras religiões alcançaram 2%, sem religião 7% e ateus 1%.

Com relação à pluralidade de crenças observadas no Brasil, o autor Marcelo Ayres Camurça (2009) explica a partir de Steil (2001), que a diversidade de visões religiosas do mundo:

Altera de maneira significativa o papel da religião na sociedade, passando da condição de “fundante do social” para se restringir à esfera da cultura e da produção de significados e símbolos que fornecem um sentido para a subjetividade do indivíduo moderno. (CAMURÇA, 2009, p. 177).

Neste sentido, a intensa diversidade de crenças apresentadas no campo religiosos brasileiro, aliada

ao que Steil (2001, p. 120) denomina de “mercantilizacão do campo religioso”, repercute diretamente nos sentidos de pertencimento e adesão do sujeito religioso da atualidade.

3 O CRISTIANISMO E A SEXUALIDADE

O cristianismo faz parte da história da sexualidade. Este se utilizava de mecanismos de poder – o poder pastoral – o qual levava os indivíduos a perceberem como fraquezas suas inclinações carnis (RIOS; PARKER; TERTO Jr., 2010).

O poder pastoral, diante da sexualidade, desempenhava o papel de poder e controle “que era ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, de saber sobre os indivíduos, mas também de saber dos indivíduos sobre eles próprios e em relação a eles próprios” (FOUCAULT, 2007 APUD LONGARAY; RIBEIRO, 2011, p. 119).

Foucault (2006) analisa que diferentemente do poder político tradicional que age sobre o território, atuando sobre os dominados; o poder pastoral age sobre a multiplicidade, ou seja, atua sobre os indivíduos, garantindo a sua subsistência e a do grupo. Neste sentido, a figura do pastor cristão está associada a sua capacidade de se sacrificar pelo seu rebanho, de cuidar de cada indivíduo um a um e de representar e produzir verdades. Ou seja, o poder pastoral “ensina a verdade, ele ensina a escritura, a moral, ele ensina os mandamentos de Deus e os mandamentos da Igreja” (LONGARAY; RIBEIRO, 2011, p. 118).

Assim, nas sociedades onde o referido poder operava, os indivíduos eram obrigados a se empenharem por sua salvação e assim, evitar a punição. Para isso, suas ovelhas eram obrigadas a se comprometer em se confessar ao pastor de forma exaustiva e permanente (LONGARAY; RIBEIRO, 2011).

A confissão então adquire um caráter de profilaxia, pois os sujeitos eram instruídos a confessarem seus pecados, principalmente os contra a carne; considerados “sujos” e, após sua devida punição, estes estariam salvos (“limpos”). Nesta perspectiva, o poder pastoral, por meio da confissão, passa a controlar e governar, por exemplo, os sujeitos com práticas homossexuais.

Estes são levados pelas instituições religiosas a confessarem suas práticas e desejos, sendo posteriormente infligidas sanções normativas que pretendem estabelecer o padrão considerado normal da sexualidade, a heterossexualidade. A confissão configura-se como um instrumento de investigação, por meio do qual, tenta-se encontrar a origem do problema que levou o indivíduo a se desviar da norma, da ordem natural de Deus. Logo, esta desempenha o papel, de controlar os sujeitos e produzir verdades sobre a sexualidade (LONGARAY; RIBEIRO, 2011).

No que concerne aos discursos atuais (re)produzidos pelas instituições religiosas, a homossexualidade é considerada como “antinatural, como abominação, como pecado” (LONGARAY; RIBEIRO, 2001, p. 120). Estes discursos são justificados a partir de preceitos tradicionais agregados às instituições familiares, os quais destacam que “uma vez que não há a possibilidade de procriação, não correspondendo, dessa forma, com a constituição da família patriarcal”, sujeitos com práticas homossexuais se constituem como desviantes e anormais (LONGARAY; RIBEIRO, 2001, p. 120). Estes argumentos foram instituídos a época de Roma quando se proclamava que: “a sexualidade deve ser monogâmica e ter como finalidade única, a reprodução” (LONGARAY; RIBEIRO, 2001, p. 120).

Neste sentido, compreendendo que as religiões cristãs corroboram com muitas das concepções preconceituosas sobre a homossexualidade, pode-se questionar: como estas percepções foram construídas ao longo do tempo? Como a temática da homossexualidade era tratada nos primórdios do cristianismo? Esta sempre foi estigmatizada pela sociedade ocidental?

Antes de citar algumas interpretações alternativas àquelas divulgadas e propagadas por grande parte das igrejas cristãs, é preciso que se compreenda que tipo de abordagem permite estas interpretações.

O Sacerdote Daniel A. Helminiack (1998) em seu livro: *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*, lança uma questão: Se Deus não erra e foi ele quem criou o homem, assim como tudo que se refere à humanidade faz parte do plano divino; por que deveria a palavra de Deus na Bíblia condenar a Homossexualidade? Neste sentido, o Padre Helminiack (1998) argumenta que se Deus não erra, o erro possivelmente está na interpretação que se faz da Bíblia.

Nesta perspectiva, o autor distingue duas formas de interpretação vigente: a Fundamentalista (literal) e a histórico-científica (HELMINIACK, 1998). Assim, as análises que serão mostradas adiante fazem parte desta segunda abordagem de análise, na qual a significação do texto só ocorre quando antes o compreendemos em sua situação original (contexto histórico e cultural) (HELMINIACK, 1998).

Além disso, é preciso compreender que a própria concepção de Homossexualidade tal como é entendida hoje, como uma orientação sexual; na época bíblica era compreendida de forma genérica como “atos ou contatos entre pessoas do mesmo sexo” (HELMINIACK, 1998, p. 35).

Para começar a refletir sobre os diferentes significados de passagens usualmente utilizadas pela Bíblia para justificar a homofobia, tem-se a análise que os autores Furtado e Caldeira (2010) fazem da passagem bíblica encontrada no livro de Levítico, capítulo 18, versículo 22: “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação[...]”, estes explicam que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo era considerado proibido porque pressupunha idolatria e infidelidade de Israel a Deus, não tendo relação com os preceitos morais da época; outra explicação tecida por estes autores

envolve a ideia de preservação do sêmen, pois Israel precisava crescer como nação.

Outra passagem bastante conhecida pelos cristãos para justificar a homofobia, é a de “Sodoma e Gomorra destruídas”, a partir da qual se cunhou a palavra “sodomia”. De acordo com Norbert Reck (2008 APUD FURTADO; CALDEIRA, 2010), a interpretação vigente até a Idade média era que cidade de Sodoma havia sido destruída devido à grande desobediência aos princípios básicos da lei de Moisés; não estando, portanto, relacionada à condenação moral.

Outra análise empreendida aos textos bíblicos foi realizada por Rios, Parker e Terto Jr. (2010). Estes propõem que se investiguem como a “carne” aparece no Novo Testamento, mas especificamente nas Epístolas Paulinas. Primeiramente se fez uma investigação a partir do evangelho de João, constatando que embora a carne aparecesse ali como símbolo da Glória divina, ou seja, sem nenhuma conotação de pecado; os cristãos a consideravam como instrumento de pecado. Outros livros são apontados pelos autores, como o livro de Mateus no qual o apóstolo alerta para a fraqueza da carne; e o livro de Paulo, que a considerava como um perigo a ser evitado.

Traçando uma análise das Epístolas Paulinas, os autores verificam uma divisão dos pecados em cinco grandes categorias, sendo o pecado contra o “corpo-carne” uma destas. A referida categoria ainda aparece subdividida em quatro subcategorias, entre as quais, em conformidade com o objeto da presente pesquisa, destaca-se a *masculorum concubitores* (os homens que dormem juntos).

Deste modo, a homossexualidade estaria mais uma vez sendo considerada como um ato pecaminoso. Assim, “a homossexualidade difundida no mundo helenístico e considerada normal, tornava-se um ato abominável e proibido” (ARIËS, 1987 APUD RIOS; PARKER; TERTO Jr., 2010 p. 199).

A partir deste breve levantamento sobre as passagens da Bíblia que remetem à Homossexualidade, percebe-se que muitas de suas passagens são utilizadas pela igreja para justificar a homofobia.

Rios, Parker e Terto Jr. (2010), observam que as concepções cristãs funcionam com estruturas de tempo longo e continuam presentes orientando pensamentos e ações no ocidente contemporâneo. Portanto, deve-se refletir o quanto os dispositivos religiosos influenciam na subjetivação de homens católicos com práticas homossexuais.

Apesar destas visões estigmatizadoras sobre as práticas homossexuais, Furtado e Caldeira (2010) apontam que não há mais uniformidade nos discursos das Igrejas cristãs a respeito da Homossexualidade e relacionam entre outros exemplos, o trabalho das igrejas evangélicas inclusivas. Estas difundem uma leitura da Bíblia que considera legítimo as práticas homossexuais, permitindo que o sujeito possa conciliar a vivência de uma religiosidade cristã com o exercício de sua orientação sexual (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2008).

No entanto, vale salientar, que muitas destas Igrejas denominadas “inclusivas” ainda estão atreladas a uma moral cristã aplicada à heterossexualidade, incluindo apenas uma “certa” homossexualidade.

4 A RELIGIÃO CATÓLICA E A HOMOSSEXUALIDADE

Fazendo um breve histórico sobre como a homossexualidade era concebida pelo Cristianismo, a autora Jurkewicz (2005) destaca que antes mesmo da Expansão do Cristianismo, já havia uma lei romana, a *Lex Scantinia*, que mesmo considerada letra morta, já condenava a homossexualidade. Esta Lei foi se fortalecendo conforme o cristianismo foi se difundindo (JURKEWICK, 2005).

Entre os séculos VII e XI surgem os Penitenciais, guia que os Sacerdotes e fiéis utilizavam para saber qual é a penitência adequada para cada tipo de pecado. Neste contexto, surge uma distinção entre formas de atos homossexuais: passiva e ativa, habitual ou ocasional, entre outras (JURKEWICK, 2005).

Na Idade média, Santo Tomás de Aquino insere a homossexualidade entre os pecados contra *naturam*, ao lado da masturbação e a relação sexual com animais. Para Tomás de Aquino o pecado da homossexualidade é mais grave que os pecados *secundum naturam*, como adultério, violação e sedução; pois apesar destes se oporem significativamente contra a ordem da caridade, a homossexualidade, por desafiar a ordem natural fixada por Deus, é mais grave que uma ofensa feita contra o próximo (JURKEWICK, 2005).

A influência de Tomás Aquino sobre os teólogos anteriores é significativa, sendo a homossexualidade historicamente considerada uma atividade contrária à ordem natural, na qual a relação sexual estaria somente orientada para procriação (JURKEWICK, 2005).

E nos tempos atuais como a Igreja Católica concebe a Homossexualidade? O debate sobre a homossexualidade nas Igrejas tem como parâmetro os textos bíblicos, que como foi discutido no tópico anterior deste capítulo, são frequentemente utilizados para justificar a homofobia.

Mas esta não é a única posição do cristianismo sobre a homossexualidade, há certo dissenso no discurso atual. A autora Regina Soares Jurkewick (2005) aponta como exemplo dessa discordância a visão do Reverendo Dr. William Coyuntryman. Este evidencia que o relato bíblico não tem como objetivo prescrever um imperativo ético, sendo observado muito mais pela tradição do que pela autoridade da Escritura. Neste sentido, a autora problematiza se isso também não ocorre no que diz respeito às passagens bíblicas frequentemente utilizadas para justificar a condenação às práticas homossexuais? (JURKEWICK, 2005).

Do ponto de vista dos fiéis cristãos, Jurkewick (2005) destaca que ainda existe muito preconceito contra os homossexuais, apesar de constatar que a tolerância está crescendo devido a maior visibilidade que estes estão conseguindo.

No que diz respeito ao Vaticano, este editou em Abril de 2003 um glossário de termos sexuais, no qual há um capítulo que afirma que a homossexualidade é uma consequência de um conflito psicológico mal resolvido, sendo os homossexuais considerados anormais. Desta forma, o discurso oficial da Igreja Católica é ainda condenatório no que diz respeito às práticas homossexuais. No entanto, como já foi mencionado anteriormente, este discurso não é monolítico (JURKEWICK, 2005).

Num debate sobre as Religiões e seus posicionamentos realizado pelo sacerdote Antônio Moser, este destaca que a Igreja, no que diz respeito à homossexualidade, vem surpreendendo pelo espírito de acolhida. Porém, o autor revela não apoiar o vale-tudo, o pansexualismo, mesmo para os heterossexuais, destacando que a acolhida aos homossexuais será destinada àqueles que “levam a vida com seriedade” (MOSER APUD GIUMBELLI, 2005, p. 24).

5 O SUJEITO SEXUAL RELIGIOSO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

O poder pastoral, exercido pelas Instituições religiosas, visa controlar as condutas dos indivíduos. Estes são estimulados a confessarem seus pecados, entendendo que pela punição, serão conduzidos à salvação. Por conseguinte, a salvação está atrelada a aceitação das normas, ou seja, pressupõe aceitação dos valores e dogmas cristãos.

Desta forma, pensando a religião como prática social e admitindo que os indivíduos esperam do discurso religioso orientação para suas práticas, é possível conciliar práticas sexuais dissidentes das normas e

valores cristãos com a religião? Como estas negociações podem influenciar na produção de sentidos destes indivíduos?

A este respeito, Silva, Paiva e Parker e outros autores (2013) reconhecem que a religião influencia na construção da subjetividade e compreendem que:

[...] a forma como cada pessoa insere-se nas comunidades religiosas, como vive sua religiosidade, e o modo como constrói sua identidade religiosa no movimento de apropriação dos elementos necessários à satisfação de suas necessidades, assim como no afastamento dos elementos considerados inadequados para sua vida, são processos que a constituem como sujeito religioso. A comunidade religiosa compõe o mosaico de discursos com o qual jovens se deparam e têm de lidar nos momentos em que realizam suas escolhas, lidam com seus desejos, na forma como vivem ou viverão as experimentações afetivo sexuais. (SILVA; PAIVA; PARKER ET AL., 2013, p. 104).

Nesta perspectiva Sanchis (2001), analisa que a construção da identidade do sujeito “sexual-religioso” perpassa diversidades e pluralismos, que são percebidos a partir do deslocamento do discurso dogmático das religiões para sua realização implicada na subjetividade do indivíduo (SANCHIS, 2001, p. 113). Neste sentido, reconhece-se a capacidade de negociação entre os discursos religiosos oficiais e as experiências cotidianas. Sendo assim, o pertencimento religioso se constitui como relativamente independente da adesão às ideias e práticas das instituições religiosas (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013).

Conforme Duarte (2005), apesar de constantemente pensarmos que a relação entre os discursos religiosos e seus fiéis, se dá de forma unilateral; na verdade este se dá a partir de um *ethos* privado não confessional, ou seja, a escolha, adesão e permanência dos indivíduos na igreja; está atrelada a ressonância destes discursos com os valores e formas de condutas de seus fiéis. Duarte (2005), entretanto, explica que essas escolhas não são completamente individuais, pois os sujeitos também são influenciados por outras instâncias, como a família e a comunidade.

Diante disto, o sujeito religioso se faz protagonista de sua religiosidade, orientando-se pelo sistema de crenças disseminado pela sua religião de escolha, mas tendo liberdade de modificá-lo quando necessário, ajustando-os a sua experiência (WATANABE, 2005 APUD SILVA; PAIVA; PARKER, 2008). Ou seja, há uma adaptação, por parte dos fiéis dos discursos e dogmas cristãos, a partir de valores individuais ou subjetivistas.

Por outro lado, analisando a afirmação de Natividade e Oliveira (2009, p. 103): “a autodeterminação e a capacidade de discernimento em face das instituições religiosas depende, entre outros fatores, da autoconfiança dos indivíduos e da inclusão em diferentes redes de sociabilidade”, pode-se compreender que nem sempre estas negociações serão possíveis, uma vez que estas envolvem outras instâncias que influenciam na subjetivação dos indivíduos.

Análise semelhante foi realizada por Busin (2011), a qual aponta que muitos indivíduos com práticas homossexuais, diante do conflito entre as identidades religiosas e sua orientação sexual se afastam da religião, pois vivem “sentimentos de intensa culpa e vergonha” (BUSIN, 2011, p. 123). Estes indivíduos adquirem uma percepção negativa de si, acreditando serem incompatíveis com a vida religiosa.

Neste sentido, Natividade e Oliveira (APUD BUSIN, 2011, p. 116) observam que:

Tanto a sexualidade quanto a experiência religiosa são modeladoras da subjetividade das pessoas, levando a formas distintas de se perceber o mundo e de estar nele, de se vivenciar as relações sociais, atualizadas e reelaboradas pelas experiências sociais vividas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a literatura, os discursos religiosos assumem um peso significativo na socialização dos sujeitos, pois as religiões são instituições que regu-

lam e orientam condutas e estão presentes nas redes que constituem as relações sociais.

Nesta perspectiva, o pertencimento religioso assume relevância na socialização dos indivíduos, assumindo a função de conduzir as condutas e punir os comportamentos que se desviam da norma. Assim, uma vez que a homossexualidade, na visão dos discursos cristãos tradicionais, é considerada um desvio, estas crenças muitas vezes reforçam e justificam a homofobia.

Vimos que entre as religiões cristãs, o catolicismo é ainda a tradição que reúne o maior número de fiéis no país, sendo uma das tradições religiosas que mais contribuem para a constituição de sentidos e práticas sexuais no Brasil.

Pesquisas demonstram que a visão dos fiéis católicos sobre a homossexualidade continua marcada pelo preconceito, resultando muitas vezes, no afastamento dos homossexuais das igrejas e dos serviços religiosos. Por outro lado, verificou-se que a adesão religiosa não ocorre necessariamente a partir da obediência total aos dogmas e doutrinas, sendo muitas vezes negociadas. A esse respeito estudos têm indicado que os brasileiros apresentam considerável liberdade em barganhar com a regulação religiosa dogmática e em tomar decisões baseadas em convicções orientadas por estas.

Neste sentido, o que se verifica é um multipertencimento religioso, e/ou as desregulações das doutrinas propaladas pela religião professada.

REFERÊNCIAS

BUSIN, Valéria Malki. Religião, sexualidades e gênero. **Rever**, n.2011. p.105-124.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE 2000. In: TEIXEIRA,

F.; MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder. In; FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V:** Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FURTADO, Maria Cristina S.; CALDEIRA, Angela Cristine Germiné Pinto. Cristianismo e Diversidade Sexual: Conflitos e Mudanças. **Revista Fazendo Gênero 9:** Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. (Org.). **Religião e sexualidade:** convicções e responsabilidades. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HELMINIACK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade.** São Paulo: Summus, 1998.

JURKEWICZ, Regina S. Cristianismo e homossexualidade. In: GROSSI, M.P. *et al* (Org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidade.** Rio de Janeiro. Garamond, 2005. p.137-176.

LONGARAY, Deise Azevedo, RIBEIRO, Paula Regina Costa. A minha religião não aceita homossexuais: analisando narrativas de adolescentes sobre religião e homossexualidade. In: SILVA, Fabiane Ferreira; MELLO, Elena Maria Billig (Org.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na Educação.** Uruguaiana-RS: UNIPAMPA, 2011.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro. O direito de ser homofóbico: repúdio à diversidade sexual e atuação política entre evangélicos conservadores, **32º Encontro Anual da ANPOCS.** Trabalho apresentado no GT Sexualidade, Corpo e Gênero. Caxambu: mimeo, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro. Deus “Transforma” ou Deus “Aceita”? Dilemas de

construção de identidade entre evangélicos LGBT. **O Social em Questão**, v.20, 2009, p.170-197.

NERI, Marcelo Cortês. **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV; CPS, 2011.

RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard; TERTO JUNIOR, Veriano. Sobre as inclinações carnis: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal. **Physis**, v.20, n.1, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 4 jan. 2015.

SANCHIS, P. Religiões, religião: alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, P. (Org.). **Fiéis e cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.9-58.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; PAIVA, Vera; PARKER, Richard. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.17, n.44, jan-mar. 2013. p.103-17.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso. **Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, n.3, 2001. p.115-129.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

Recebido em: 15 de dezembro de 2015
Avaliado em: 2 de junho de 2016
Aceito em: 2 de junho de 2016

1. Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Cursos de Mestrado e de Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
E-mail: alexa.rleite@hotmail.com